

CADERNOS DO IL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Nº 7 ABRIL 1992

U F R G S

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

P.A. BRANDT. La Charpente modale du sens. These d'état, Paris III, 1987.

J.-CL. COQUET. Le discours et son sujet. Paris. Klincksieck, 1985.

\_\_\_\_\_. "Linguistique et sémiologie". Paris, CNRS. Actes Sémiotiques, IX, 88, 1987.

\_\_\_\_\_. Le tumulte modal. Paris. CNRS. Actes Linguistiques, XI, 39, 1986.

A.J. GREIMAS. Maupassant. La sémiotique du texte. Paris, Le Seuil, 1976.

J. PETITOT. Morphogénese du sens. Paris, P.U.F. 1987.

\_\_\_\_\_. "Sur le réalisme ontologique des universaux sémio-linguistiques", Sémiotique en jeu. J.-CL. Coquet et M. Arrivé, éd., Paris-Amsterdam, Hades-Benjamins, 1987 (b).

Tradução de Amália Vergora, Joslove Kaiser e Ricardo Iuri Canko.

Supervisão da Profa. Dra. Zilá Bernd - Depto. Línguas Modernas - IL - UFRGS.

INFORMATICA E TEXTOS LITERARIOS

Por ALAIN VUILLEMIN

Prof. da Universidade de Limoges (França)\*

Não foi apenas no Canadá, Estados Unidos e Inglaterra que o "processamento informatizado do texto literário"(1) adquiriu relativa legitimidade, ao menos desde a realização do primeiro colóquio, organizado em janeiro de 1984, na Universidade de Victoria (Columbia Britânica - Canadá), sobre "O Computador e a Crítica Literária"(2). Embora fosse, na ocasião, facilmente confundida com o que hoje se chama "processamento de texto", a "Informatização literária" começava enfim a não aparecer mais como uma atividade isolada, até mesmo ignorada, para constituir-se em "uma disciplina autônoma"(3), "um novo paradigma heurístico"(4), com seus métodos particulares, sua terminologia específica e suas pesquisas próprias. Na França, a situação estava longe de ser a mesma e foi somente a partir de 1986, sob a pressão externa de grandes planos de equipamentos informáticos sucessivos, atingindo as universidades e as classes preparatórias mesmo não científicas, que às disciplinas literárias se não receberam um ultimatum, pelo menos "ficaram na obrigação de definir o emprego que fariam destes equipamentos"(5). As questões colocadas eram temíveis. Faltavam alguns pré-requisitos. Não havia nem mesmo - e ainda não há - o levantamento das pesquisas que foram realizadas aqui e lá, sobre o assunto, nos últimos 30 anos. Ch. Muller deplorava esta situação em junho de 1985, quando de uma alocução inaugural em um colóquio internacional que se

\*(Texto publicado na Revista *Histoire & mesure*, em 1988 (p.87-96) cuja tradução foi autorizada pelo autor que deverá ser professor convidado do CPG Letras em 1992, no âmbito do acordo CAPES/COFECUB.)

realizava em Nice, sob a égide do CNRS, sobre "Métodos quantitativos e informáticos no estudo dos textos". Somente entre os literatos, observava, uma "minoría (praticava) estes métodos (...), uma minoría (...) muito isolada, quase "marginal", como uma seita herética tolerada, mas suspeita..."(6).

De fato, do *Littératon* de R. Escarpit(7), publicado em 1964, ao *Portraits de l'écrivain d'aujourd'hui* (*Retrato do escritor de hoje*)(8), publicado em 1986, as suspeitas legítimas sobre o mau uso do computador e da ciência do processamento da informação na "literatrônica"(9) e na "LAI"(10), a "literatura assistida pela informática", foram numerosas. O emprego da informática nos estudos literários está ainda longe de ser reconhecido, tendo como consequência a dificuldade que temos de não lastimar este fato, em meio à superabundância em matéria de publicações críticas tradicionais, a raridade, para não dizer a penúria, das reflexões teóricas e práticas sobre seu interesse intrínseco. O que houve apesar disto? Com que constrangimento, com que pressupostos e com que implicações particulares teremos que nos confrontar a este respeito, quando decidirmos nos engajar na exploração de textos literários por meio da informática?

Neste domínio o estado atual da pesquisa é difícil de ser levantado, porque não dispomos de recensões dos trabalhos publicados. Algumas revistas tais como *Computers and the Humanities*(11), nos Estados Unidos, *Revue*(12), na Bélgica, *Mots*(13), na França, tentaram explorar, com intervalos irregulares inventários parciais e muito esporádicos. Pode-se afirmar, contudo, que estas pesquisas se multiplicaram por todo o mundo, desde 1985, com a explosão da micro-informática. Não será antes de 1990-1995 que começaremos a perceber seus efeitos. Alguns livros, os estudos reunidos por E.A. Bowels, em 1967, em *Computers in humanities research: readings and perspectives*(14), nos Estados Unidos, ou por R.A. Wisbey, em 1971, em *The computer in literary and linguistic research: papers*

*from a Cambridge symposium*(15), na Inglaterra, uma obra publicada por R.L. Oakman, em 1980, nos Estados Unidos, sobre *Computers methods for literary research*(16), textos reunidos por B. Derval e M. Lenoble, em 1984, no Canadá sobre *La critique littéraire et l'ordinateur/Literary criticism and the computer*(17), as tentativas de recensão de C. Charpentier e J. David sobre *La recherche française par ordinateur en langue et littérature*(18), em 1985, e de E. Brunet sobre *Méthodes quantitatives et informatiques dans les études des textes*(19), em 1986, a publicação, em 1987, nos Estados Unidos, por B.H. Rudal e T.N. Corns, de um primeiro guia prático, *Computer and literature, a practical guide*(20), constituem contudo etapas desta pesquisa.

Existem igualmente alguns artigos, quase sempre bastante gerais, de A.J. Aitken sobre "The literary use of computers", em *Times literary supplement*(21), em 1972, ou de E. Koczkar, sobre "Writers in the computer revolution", em *Australian author*(22) também em 1972, e o de R. Cast sobre "The computer and the critic", em *The listener*(23), em 1984, ou o de P. Van Rutten sobre "L'ordinateur et les problèmes littéraires", na *Revue de l'université laurentienne*(24) em 1970. Debates tiveram início. Evoluções foram anunciadas. Congressos e encontros internacionais tentaram estabelecer balanços provisórios, com intervalos regulares e sobre um número cada vez maior de assuntos. Está faltando escrever esta história. Associações científicas, a ATALA(25), por exemplo, para as línguas antigas, a ALLC(26), para os estudos literários e linguísticos, consituiram-se no plano internacional, com seções francesas muito ativas, afim de encorajar este gênero de pesquisa.

Um assunto contudo parece estar proibido há trinta anos, ao menos no mundo científico: o das formas de criação literária permitidas pela informática. Até 1988, não existia ainda nenhum estudo de conjunto exceto os escritos polêmicos de Oulipo(27) e de Alamo(28), publicados na França entre 1960 e 1984,

e alguns testemunhos, relatados aqui e ali, sobre novas experiências de escritura, informáticas, telemáticas ou ainda imateriais.

As reflexões propostas se depreendem aliás mal da descrição das mil e uma contingências práticas que seria preciso superar antes de poder aceder ao instrumento. Na origem, nenhum material era adequado. Em 1949, quando R. Busa tentou estabelecer seu famoso índice da *Some théologique*(29), de São Tomás de Aquino, os computadores só sabiam contar. Foi somente em 1951, que o UNIVAC I será dotado de um primeiro código rudimentar de 39 caracteres alfanuméricos. Desde 1952, os computadores IBM 702 possuem um jogo de 48 caracteres mas não será antes de 1965 que começarão realmente a se impor os códigos EBCDIC e ASCII, o primeiro composto de 137 caracteres, o segundo constituído, na sua versão normalizada e multilíngue "Data interchange", de um jogo de 128 caracteres específicos. Mas será somente a partir de 1980 que os teclados em tipografia rica começam realmente a se difundir na França. Não descreveremos os mil sistemas de transposição que foram imaginados neste intervalo. Eles constituem a base de uma boa parte da literatura especializada e estes entraves, estreitamente ligados às características técnicas dos materiais, tornaram hoje quase ilegíveis - e inutilizáveis - uma boa parte das centenas de índices e de concordâncias que foram estabelecidas entre 1955 e 1980 sobre um bom número de grandes autores.

Também não invocaremos a história complicada, contudo rica em controvérsias apaixonadas, dos debates de que participaram durante muito tempo os especialistas, entre 1955 e 1985, sobre as dificuldades particulares colocadas pela concepção de processadores informatizados aplicados a textos. R.L. Dakman relatou-os, em grandes traços, em *Computer methods for literary research*. De fato, do caráter rudimentar das impressoras e dos teclados, reduzidos a uma tipografia pobre, à lentidão dos trabalhos e à inadaptação das linguagens de programação empregados, nada era

conveniente. As defesas feitas em favor desta ou daquela linguagem, de linguagens bastante gerais como FORTRAN ou ALGOL 60 ou ainda PL 1, a linguagens especializadas como COMIT II ou SNOBOL 4, tiveram apenas um interesse histórico. A produção de textos inéditos com a ajuda da informática, dá, entretanto, a estas discussões antigas um aspecto de atualidade com a evolução, desde o início dos anos 1980, sobretudo nos Estados Unidos, de linguagens mais elaboradas, MESSY, TALE SPIN, ROALD, AUTHOR(30), apresentadas como verdadeiros sistemas autores capazes de simular a experiência de um escritor durante o ato de escrever. Também não evocaremos as múltiplas imposições ainda inerentes aos processos informatizados, que M. Lenoble resumiu em 1985, no Canadá, a respeito do tratamento informático de textos literários, em *La critique littéraire et l'ordinateur*(31), nos contetaremos apenas em remeter, sobre este ponto, ao último estado da questão, publicado em 1987 nos Estados Unidos, por B.H. Rudal e T.N. Corns em *Computers and literature*(32). Técnicas ou práticas, estas questões são evidentemente importantes e predeterminam amplamente o destino de uma pesquisa, mas dizem unicamente respeito aos aspectos materiais da apreensão física de um texto. Trata-se apenas de preocupações prévias ao trabalho de análise literária propriamente dito.

Em contrapartida, é infinitamente mais interessante, como o exigiam M. Lenoble e P. A. Fortier, em 1985, em dois artigos distintos sobre "Tratamento informático do texto literário" e sobre "Uso do computador em crítica literária", respectivamente, publicados em *La critique littéraire et l'ordinateur*, interrogar-se de um ponto de vista literário sobre a natureza dos "postulados teóricos"(33) e dos pressupostos filosóficos que inspiraram, até hoje, "as diversas concepções do texto"(34), subjacentes à maioria das pesquisas iniciadas.

A questão não é vã. Os especialistas em informática, e também muitos linguistas, têm tendência a reduzir, sem inconveniente das disciplinas que lhes são desconhecidas, dos estudos literários assim como a outros domínios das ciências humanas, aos processadores e às operações intelectuais que um computador deve realizar do modo mais econômico.

Ora, os estudos literários "são concebidos ainda, em grande parte, observava B. Gicquel em 1986, em um outro artigo intitulado "Informática e literatura", mais como uma escolada de gosto e de sensibilidade estética do que como um conjunto de iniciativas racionais suscetíveis de serem explicitadas"(35). E, afrontado diante da massa de publicações críticas, era difícil não lamentar a penúria das reflexões metodológicas e epistemológicas sobre a natureza dos aportes intrínsecos da informática para a literatura. Este déficit da teoria é tão sensível que muitas análises efetuadas com a ajuda de computadores, desde a metade dos anos 1950, até o fim dos anos 1980, não parecem ter sido interrompidas por este obstáculo. Os ganhos em rigor e em precisão científicos, de que seus promotores se gabam, não compensam os empobrecimentos intuitivos nem a "fluidez conceptual que por vezes os acompanha..."(36). Estas iniciativas, levadas a termo, contudo, com um grande aparato técnico e científico, parecem, ao contrário, abusivamente redutoras e simplificadoras, fornecendo ao mesmo tempo, dilúvios de informações cuja pertinência nem sempre aparece como correta.

Muito pouco de um lado e demasiado de outro, > Lenoble não dizia outra coisa quando constatava, por ocasião do colóquio de 1985, sobre "Métodos quantitativos e informáticos no estudo do texto", que "em 35 anos de pesquisas literárias informatizadas, quantas toneladas de listas de frequência, de desvios, de levantamento de médias, índices, contas de unidades pertinentes, gráficos e histogramas não foram produzidos? Tudo isto contado e recontado: palavras, letras, número de letras por

palavra, frases, seu tamanho, pontuação, sintagmas, co-variantes, colocações, vogais, consoantes, rimas, estrutura das frases, comprimento dos parágrafos e mesmo ... a onda do ritmo de alternância das frases longas e curtas (...). E todo este trabalho teve alguma influência sobre o nível da interpretação literária?"(37) Praticamente nenhuma, respondiam em essência, em 1985, na Revista *Computers and the humanities*, um filólogo e um medievalista, S. Lusignan, que chegava até mesmo a conclamar que "fosse feita uma moratória de vários anos sobre a publicação, sobre a forma de livros ou de micro-fichas, de concordâncias, índices, listas ou quadros estatísticos de qualquer espécie"(38) porque a literatura estava suportando mal um número tão elevado de informações.

Novas perspectivas abrem-se então a formas inéditas de exame crítico que se prenderiam à reflexão sobre o que a informática, suas técnicas e métodos, são suscetíveis de trazer realmente para o conhecimento de obras e de textos. Os primeiros trabalhos mostram o caminho, desde o estudo de K.L. Morel, publicado em 1971, sobre *A computerized content analysis of violence in nineteenth and twentieth century french and american novels*(39), às pesquisas que apelavam igualmente à informática, sobre *Temporal and spacial structures in film and the novel: a comparaison between Ozzy Yasujiro's "Kohayagawa - Ke No Aki" and Michel Butor's "L'emploi du temps"*(40) em 1976. Teses na França seguindo esta orientação começam a ser defendidas, a de E. Langumier, em 1978, na Universidade de Paris VIII, sobre *Une analyse sémiotique des "contes" de Ezra Pound*(41), que recorreu a processamentos informatizados: o trabalho muito mais ambicioso de G. Rocca, apresentado em 1983, à Universidade de Aix-Marseille III, sobre *L'univers clos chez Wright, Fares, Beckett*(analyse thématique et lexicale assistée par ordinateur)(42); e, enfim, defendida em 1984, na Universidade de Montpellier III, uma tese de J.D. Goldfield sobre *Thèmes, style et vocabulaire dans les "Nouvelles asiatiques" de Gobineau; essai d'application à la critique littéraire d'une analyse lexicométrique*

*assistée par ordinateur*(43). A implantação, em 1985, nos Estados Unidos, sobre um único disco compacto, ISOCRATES(44), da totalidade dos manuscritos gregos escritos entre os séculos V A.C. e o VII D.C., a criação, na França, em 1987, pela INALF, do banco de dados textuais FRANTEXT(45), constituído por uma coleção de 2.600 textos literários, gravados em texto integral e repartidos em 4 séculos, de 1699 a 1985, fornecem os meios de pesquisas de maior envergadura.

O enriquecimento deste banco prosseguiu, em particular na literatura contemporânea, nas literaturas francófonas e na literatura popular. Acessível em princípio, de modo interativo, a partir de qualquer estação de trabalho no mundo e interrogável em linguagem natural e em francês, FRANTEXT permaneceu, até 1988, uma realização única. Mesmo seus equivalentes em língua inglesa, sobre a literatura inglesa medieval e moderna, como o "Oxford text archive", da Universidade de Oxford, fundado em 1979, ou em latim medieval como o "Thesaurus patrum latinorum" ou o "Thesaurus linguae scriptorum operumque latinum belgicorum medii aevi", da Universidade de Louvain, criados desde 1969, ainda não eram acessíveis de modo conversacional.

A questão fundamental, que S. Lusignan colocava de maneira brutal, em 1985, na revista *Computers and the Humanities*, através de "algumas reflexões sobre o estatuto epistemológico do texto eletrônico"(46), a questão do texto, permanecerá contudo.

Assim, que é transferido para um suporte informático ou ótico, um texto numerizado muda de natureza. Ele não é mais um todo terminado, intangível, cujo estado primeiro, manuscrito ou impresso, seria a versão original, canônica ou arquétipo de referência, aquela cuja crítica comum dos textos possui o hábito e a prática. Ele tende, ao contrário, a transformar-se em uma entidade diferente, em uma espécie de obra nova, aberta, uma e múltipla, reconstruída também e

eminentemente maleável e flexível, e prometida, pelo milagre da informática, a metamorfoses infinitas conforme os processamentos operados, mas que ninguém mais domina, quer se trate de seus sucessivos comentadores, de seus leitores prevenidos e, ainda menos, de seu ou de seus autores iniciais. Os saberes aprendidos não são mais aplicáveis. Os fundamentos das perspectivas críticas tradicionais se desvanecem. Os dos métodos quantitativos e estatísticos também, como já assinalamos. De fato, as noções de autor, de obra e de literatura são radicalmente questionadas e os testemunhos dos primeiros escritores que se interessaram pela criação de textos por computador, de I. Calvino(47) ou Philippe Sollers(48) a B. P. Balpe(49) vêm confirmá-lo. O ato de criação se mediatiza. A escritura se desmaterializa. Os papéis respectivos dos autores e dos leitores se transformam(49 bis). Acaba-se por nem mesmo saber quando nasce exatamente um texto tanto os processos tendem a confundir-se.

O desafio lançado pela informática transmite infinitamente a única definição do estatuto epistemológico dos textos informatizados. Seria necessário repensar - como estava aliás convencido desde 1986 B. Gicquel - não apenas a "linguagem da crítica literária"(50) mas talvez, e sobretudo, os próprios mecanismos do pensamento literário.

Em 1985, na sua introdução à obra sobre *la critique littéraire et l'ordinateur*, B. Derval e M. Lenoble já haviam sido levados a distinguir a existência de várias gerações na "breve história dos pesquisadores que(haviam) feito do processamento automático do texto, o centro de suas preocupações"(51). Aos pais fundadores(52), depois aos construtores de grandes laboratórios(53) sucederam, segundo eles, uma nova geração de "usuários"(54), para quem os recursos à informática na exploração de textos era, de ora em diante, o "novo paradigma heurístico"(55). Talvez no Estados Unidos e no Canadá. Está longe de sê-lo na França, observava, em 1986, B.

Gicquel em um relatório pouco conhecido sobre *A inserção da informática nos ensinamentos superiores literários, linguísticos e musicais*. Na França, ainda está por ser feita a história desta lenta descoberta, iniciada há mais quatro décadas, pela crítica universitária e literária, acerca do interesse oculto em potência informática para estudar textos, com suas restrições, seus pressupostos e suas implicações metodológicas e intelectuais.

Está por ser definido o estatuto de uma nova crítica, que integraria os aportes da informática e dos múltiplos métodos de enfoque que dela derivam. O que parece ter sido definitivamente adquirido, em torno de 1986 e 1988, ao fim de quarenta anos de tentativas e de contradições, comporta ainda muitos equívocos. Entretanto, estas aquisições são maiores do que se pensa, principalmente, se fizermos esforços para ampliar a enquete nas literaturas inglesa, americana, alemã, russa, eslava, italiana, espanhola, escandinava e até japonesa. Vão de estudos de estilos ou de temas, cujos processos são hoje bem conhecidos, ao estudo das formas. Pressente-se igualmente que nenhum domínio das pesquisas literárias escapará da informática. Sabe-se também, como observaram S. Lusignan, B. Derval e M. Lenoble e como provaram abundantemente os milhares de índices que foram publicados desde 1949 sobre todas as espécies de textos, que métodos aos quais durante muito tempo se introduziram as aplicações potenciais da informática à literatura, como a lexicometria ou a estatística lexical, não apresentam nenhum interesse imediato para o conhecimento de uma obra ou de um autor.

Faltaria ainda muito a fazer para desenvolver, na herança atual, o que resultou de iniciativas vindas do mundo da informática e do progresso contínuo do que se convencionou chamar de ora em diante as "novas tecnologias da informatização"(56) e que resultaram das conclusões indiretas de vastos programas de pesquisa internacionais ou nacionais sobre a tradução interativa, a documentação automática, a

edição eletrônica ou ainda a "editica"(57) e a "creática"(58), e, finalmente, o que se originou das reações frequentemente reticentes, mas, às vezes entusiastas, dos meios literários. A este respeito os escritores nem sempre tiveram a atitude de críticos profissionais. Não se sabe bem que as primeiras abordagens autenticamente literárias da informática, isoto é, verdadeiramente isentas de preocupações linguísticas em suas finalidades (com as quais são frequentemente confundidas) remontam a 1959, com a criação de um primeiro "Seminário de literatura experimental"(59) por R. Queneau e F. Le Lionnais, sendo, pois, anteriores à criação da própria palavra "informática", em 1982. A história de Oulipo de 1960 a 1981, depois de Alamo de 1983 a 1985, deveria ser retomada nesta perspectiva. O contraste é interessante, neste longo período, entre as hesitações de uma crítica estabelecida, mas ainda muito tradicionalista em seus procedimentos e preocupações, e o caráter às vezes vertiginoso das intuições de certos precursores. Os debates, por vezes muito intensos, que atravessaram desde 1965 quase todas as sociedades literárias ou científicas a este respeito, a tal ponto que se pôde falar de uma "nova querela de antigos e modernos"(60), ficariam também esclarecidos. As estratégias serão determinantes. Os primeiros "computextos" ou "hipertextos" começaram a difundir-se desde 1987 em diversos tipos de suportes informáticos e óticos. Ao menos por razões de ordem econômica, o livro de amanhã está condenado a se informatizar, a transformar-se em "livro eletrônico". A literatura deverá seguir o mesmo caminho. Mas, como demonstramos, serão outros os procedimentos de leitura, outros os modos de pensamento crítico, outras as concepções de trabalho literário que deverão impor-se. Uma nova crítica, que não exclui certamente os métodos de abordagem antigos, talvez esteja nascendo. Sua gestação será difícil.

## Notas:

1. M. H. Lenoble : « Traitement informatique du texte littéraire, présentation et réflexions », em B. Derval, M. H. Lenoble, *La Critique littéraire et l'ordinateur/Literary Criticism and the Computer*, Montréal, B. Derval-M.Lenoble éditeurs, p.1.
2. *ibid*, p.IX.
3. M. Lenoble : « Statistiques lexicale et critique littéraire, le mariage impossible » ? em E. Brunet et alii, *Méthodes quantitatives et informatiques dans l'étude des textes*, Genève-Paris, Slatkine-Champion, 1986, p. 567.
4. B. Derval, M. H. Lenoble : « Introduction », em B. Derval-M. H. Lenoble, *La Critique littéraire et l'ordinateur/Literary Criticism and the Computer*, Montréal, B. Derval-M. Lenoble éditeurs, 1985, p. XIV.
5. B. Gicquel, A. Vuillemin : *Rapport d'ensemble sur l'insertion de l'informatique dans les enseignements supérieurs littéraires, linguistiques et musicologiques*, Paris, MENSEU, 1986, p. 1.
6. Ch. Muller : « Allocution inaugurale », dans E. Brunet et alii, *Méthodes quantitatives et informatiques dans l'étude des textes*, Genève-Paris, Slatkine-Champion, 1986, p. 10.
7. R. Escarpit, *Le Littératron*, Paris, Flammarion, 1964, 218p.
8. Pline, *Portraits de l'écrivain d'aujourd'hui*, Paris, Julliard, 1986, 117 p.
9. R. Escarpit, *Le Littératron*, Flammarion, 1964, p. 91.
10. Pline, *Portraits de l'écrivain d'aujourd'hui*, Paris, Julliard, 1986, p. 81.
11. *Computers and the Humanities*, Osprey (FL.), Etats-Unis.
12. *Revue*, Liège (Belgique).
13. *Mots*, Paris, F.N.S.P.
14. E. A. Bowles, *Computers in Humanities Research : Readings and Perspectives*, Englewood Cliffs (N-J), Prentice-Hall, 1967, XI p. + 264p.

15. R. A. Wisbey, *The Computer in Literary and Linguistic Research : Papers from a Cambridge Symposium*, Cambridge (UK), Cambridge University Press, 1971, XVp. + 309p.
16. R. L. Dakman, *Computer Methods for Literary Research*, Columbia (S-C), University of South Carolina Press, 1980, 235p.
17. B. Derval, M. H. Lenoble, *La Critique littéraire et l'ordinateur/Literary Criticism and the Computer*, Montréal, B. Derval-M. Lenoble éditeurs, 1985, XXIIIp. + 166p.
18. C. Charpentier, J. David, *La Recherche française par ordinateur en langue et littérature*, Genève-Paris, Slatkine-Champion, 1985, 279p.
19. E. Brunet et alii, *Méthodes quantitatives et informatiques dans l'étude des textes*, Genève-Paris, Slatkine-Champion, 1986, 2 vol., 947p.
20. B. H. Rudal, T. N. Corns, *Computers and literature. A Pratical Guide*, Cambridge (MA), Abacus Press, 1987, 129p.
21. A. J. Aitken : « The Literary Use of Computers », em *Times Literary Supplement*, London (UK), 1972, (21 April), p.456.
22. E. Koczkar : « Writers in the Computer Revolution », dans *Australian Author*, Wilsons Point (NSW), Australia, 1972, n25, p.29-34 et 21-27.
23. R. Lasst : « The Computer and the Critic », em *Listener*, London (UK), 1984, (8 october), n2167, p. 482-483.
24. P. Van Rutten : « L'Ordinateur et les problèmes littéraires », em *Revue des Etudes Laurentiennes*, Saint-Laurent (Québec), 1970, vol.3, n2, p.18-25.
25. ATALA : Association pour l'étude et développement de la Traduction automatique et la Linguistique Appliquée.
26. ALLC : Asociation for Leterary and Linguistic Computing.
27. Oulipo : Ouvroir de Littérature Potentielle.
28. Aiama : Association pour la Littérature Assistée par les Mathématiques et l'Ordinateur.

29. R. Busa : « The Annals of humanities computing : The *Index Thomisticus* », dans *Computers and the Humanities*, Osprey (FL), 1980, vol.14, n°2, p.83-90.
30. Ver P. Braffort : « La littérature assistée par ordinateur », em *Action Poétique*, Avon, 1984, n°95, p.12-20.
31. Ver M. H. Lenoble : « Traitement informatique du texte littéraire, présentation et réflexion », em B. Derval, M. H. Lenoble, *La Critique littéraire et l'ordinateur/Literary Criticism and the Computer*, Montréal (Québec) B. Derval-M. Lenoble éditeurs, 1985, p.1-36.
32. Ver B. H. Rudall, T. N. Corns, *Computers and Literature. A Practical Guides*, Cambridge (MA), Abacus Press, 1987, 129p.
33. M. H. Lenoble : « Statistiques lexicales et critique littéraire, le mariage impossible? », em E. Brunet et alii, *Méthodes quantitatives et informatiques dans l'étude des textes*, Genève-Paris, Slatkine-Champion, 1986, p.567.
34. B. Derval, M. Lenoble : « Introduction », dans B. Derval, M. Lenoble, *La critique littéraire et l'ordinateur/Literary Criticism and the Computer*, Montréal (Québec), B. Derval-M. Lenoble éditeurs, 1985, p.XV.
35. B. Gicquel : « Informatique et littérature », em B. Gicquel, A. Vuillemin, *Rapport sur l'insertion de l'informatique dans les enseignements supérieurs littéraires, linguistiques et musicologiques*, Paris, MEN-SEU, 1986, p.19.
36. Ibid, p.20.
37. M. H. Lenoble : « Statistique lexicale et critique littéraire, le mariage impossible ?, dans E. Brunet et alii, *Méthodes quantitatives et informatiques dans l'étude des textes*, Genève-Paris. Slatkine-Champion, 1986, p.569.
38. S. Lusignan : « Quelques réflexions sur le statut épistémologique du texte électronique », em *Computers and the Humanities*, Osprey (FL), 1985, n°19, p.211.
39. K. L. Morel, *A Computerized Content Analysis of Violence in Nineteenth and Twentieth Century French and*

- American Novels*. Washington (DC). University of Washington. 1971. 127p.
40. I. K. Hedges. *Temporal and Spatial Structures in Film and the Novel : A Comparison between Ozu Yasujiro's « Kohayagawaa-ke No Aki » and Michel Butor's « L'Emploi du temps »*, Madison (WI). University of Wisconsin. 1976. 301p.
41. E. Langumier. *Analyse sémiotique des « Contos » d' Ezra Pound*. Paris. Université de Paris VIII, 1978, s.r.
42. G. Rocca. *L'Univers clos chez Wright, Fares. Beckett (Analyse thématique et lexicale assistée par ordinateur)*. Aix-en-Provence, Université d'Aix-Marseille III, 1983, 431p.
43. J. Godfield. *Thèmes, style et vocabulaire dans les « Nouvelles asiatiques » de Gobineau. Essai d'application à la critique littéraire l'une analyse lexicométrique assistée par ordinateur*. Montpellier. Université Paul Valéry. 1985. 2 vol., s.r.
44. Ver P. Kaahn : « La littérature grecque sur CD ROM », dans B. Prost et alii. *CD ROM le nouveau papyrus*, Paris. Cédic-Nathan-Microsoft Press. 1986. p.407-415.
45. FRANTEX : para informações dirigir-se à INALF-TLF. 52 boulevard de Magenta, 75012 Paris.
46. Ver S. Lusignan : « Quelques réflexions sur le statut épistémologique du texte électronique », dans *Computers and the Humanities*. Osprey (FL). 1985, vol.19, p.209-212.
47. Ver I. Calvino. *La Machine Littérature*. Paris, Seuil, 1984, 253p.
48. Ver P. Sollers, *Théorie des exceptions*, Paris, Gallimard, 1986, 312p.
49. Ver J. P. Balpe : « L'Ange ou le Diable en boîte ? », dans *Action Poétique*. Avon. 1984, n°95, p.6-10.
- 49bis. L'expérience d'écriture collective tentée en 1985 par une dizaine d'écrivains, U. Eco, I. Calvino, M. Adiaffi, L. Caron, F. Delay, A. Kacem, Sony Labou Tansi, Lacarreère, J. Savoie, B. Visage, en esst une illustration. Ver J. M. Adiaffi, L. Caron, F. Delay et alii. *Marco Polo ou le nouveau livre des Merveilles. Roman/Feuilleton*. La chartreuse des

*l'informatique dans les enseignements supérieurs littéraires, linguistiques et musicologiques*. Paris. MEN-SEU, 1986, p.19.

51. B. Derval, M. Lenoble : « Introduction », dans B. Derval, M. Lenoble. *La Critique littéraire et l'ordinateur/Literary Criticism and the Computer*. Montréal (Québec). B. Derval-M. Lenoble éditeurs. 1985, p.XIV.

52. Ibid, p.XIV.

53. Ibid, p.XIV.

54. Ibid, p.XIV.

55. Ibid, p.XIV.

56. Ver P. Pelou, A. Vuillemin et alii. *Les Nouvelles Technologies de la Documentation et de l'information*. Paris. La Documentation Française, 1985. 496p., e P. Pelou, A. Vuillemin et alii. *Innovation et Nouvelles Technologies de l'information*, Paris. La Documentation Française, 1987, 543p.

57. « Edifique » : néologisme qui désigne toutes les formes d'édition électronique qui font appel à l'informatique ou à télématique.

58. « Créatique » : autre néologisme qui veut désigner toutes les formes de création de textes mais aussi d'images et de sons à l'aide de l'informatique.

59. Ver J. Bens. *Ou Li Po (1960-1963)*, Paris. Bourgeois, 1980, 283 p.

60. L. Delatte : « Index ou Concordance ? Réponse à Monsieur Pierre Grimal », in: *L'Antiquité Classique*, vol. 37, n°1, 1968, p.203.

Tradução da Dra. Profa. Zilé Bernd - Depto. de Línguas Modernas - IL - UFRGS.

Robert Ponge \*

L' ÉTHIQUE POLITIQUE  
DE  
ROLAND BARTHES\*\*

\* Professor do Setor de Francês do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da U.F.R.G.S.

\*\* a) Cet article fut produit pendant un congé de recherche concédé par l'U.F.R.G.S., que mes collègues du Secteur de Français rendirent possible, et grâce à une bourse CAPES/FICD du Ministère de l'éducation. Qu'ils soient ici remerciés de leur collaboration ainsi que Mme Leyla Perrone-Moisés, professeur-chercheur à l'Université de São Paulo, à qui ce travail doit beaucoup. J'assume évidemment seul la responsabilité des opinions émises.

b) Deux courts passages de ce travail ont été publiés ailleurs:  
"Roland Barthes: um mau suspeito político". *Zero Hora*. Porto Alegre, 14.04.90. Caderno Mensal "ZH Cultura", p. 8.  
"Roland Barthes: Literatura, crítica, ética". *Courrier*, revue de l'Association des Professeurs de Français du Rio Grande do Sul, n° 13. Porto Alegre, 1990. pp. 116-121.

UFRGS  
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades